



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS-EMA**

LAURA CAROLLINE FERNANDES ALVES AMADO

**O ENSINO DE HISTÓRIA E AS METODOLOGIAS ATIVAS: Um estudo sobre a
inclusão de mapas mentais na Educação Básica**

GUANAMBI-BA

2024

LAURA CAROLLINE FERNANDES ALVES AMADO

**O ENSINO DE HISTÓRIA E AS METODOLOGIAS ATIVAS: Um estudo sobre a
inclusão de mapas mentais na Educação Básica**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Secretaria de Educação a Distância, como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro

GUANAMBI-BA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS-EMA

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAURA CAROLLINE FERNANDES ALVES AMADO

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS METODOLOGIAS ATIVAS: Um estudo sobre a
inclusão de mapas mentais na Educação Básica

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Secretaria de Educação a Distância, como requisito para obtenção do título de especialista.

Aprovado em: 22 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO
Data: 27/12/2023 12:27:36 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Doutor em Ciências da Educação – Universidade Federal do Vale do São Francisco

Documento assinado digitalmente
 LAYTA SENA RIBEIRO
Data: 26/12/2023 11:51:45 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Layta Sena Ribeiro

Mestre em Psicologia – UPE

Documento assinado digitalmente
 MÁRCIA ADELINO DA SILVA DIAS
Data: 03/02/2024 11:21:57 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Márcia Adelino da Silva Dias

Doutora em Educação – Universidade Estadual da Paraíba

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS METODOLOGIAS ATIVAS: Um estudo sobre a inclusão de mapas mentais na Educação Básica

Laura Caroline Fernandes Alves Amado¹

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de analisar e desmistificar o Ensino de História, uma componente curricular tradicional, e afirmar a possibilidade da utilização das metodologias ativas como um instrumento pedagógico de ensino-aprendizagem efetivo e significativo para a matéria de História. Desse modo, este artigo discute sobre a necessidade do/a professor/a inserir no seu cotidiano escolar as metodologias ativas e sobre o impacto positivo que as metodologias ativas podem ter no aprendizado e na interação entre os alunos. Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência didática dos resultados de experiências tidas no Ensino Fundamental II com a inclusão de mapas mentais na aula de História e propõe o método como um exemplo a ser seguido pelos profissionais de educação, em razão do aprendizado que foi proporcionado aos alunos devido à compreensão profunda dos conteúdos, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e por ser uma metodologia ativa facilitadora e eficaz para o aprendizado estudantil e o trabalho do professor/a.

Palavras-chave: Ensino de História; Metodologias Ativas; Mapas mentais.

Introdução

É possível observar que a atual realidade escolar, em especial o Ensino de História na sala de aula, perpassa diversos desafios, mas também é repleto de possibilidades de aprendizagem quando o professor (a) e as instituições escolares se empenham nesse objetivo de potencializar o conhecimento dos alunos.

Alguns desses desafios são, justamente, manter o conteúdo histórico relevante e interessante para os alunos. Os alunos têm dificuldade em ver a conexão entre eventos passados e suas vidas atuais. Como também os currículos de história que podem ser influenciados por memórias seletivas e nacionalismo, o que pode distorcer a compreensão objetiva dos eventos passados. Por isso, que é importante promover uma abordagem equilibrada e crítica para evitar viés histórico. Além disso, com a ascensão da tecnologia e das mídias sociais houve a retomada da atenção dos alunos para as ferramentas digitais, no entanto, é interessante

¹Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia, Mestranda no Programa de Ensino, Linguagem e Sociedade da UNEB-CAMPUS VI e pós-graduanda do Curso de Especialização em Metodologias Ativas da Universidade Federal do Vale de São Francisco – UNIVASF.

ressaltar que integrar as ferramentas digitais no Ensino de História pode ser difícil, mas também é uma oportunidade para tornar o aprendizado mais interativo e envolvente. Devido a abordagem tradicional do Ensino de História, centrada apenas em datas e eventos, as aulas expositivas podem não ser suficientes para envolver os alunos na sala de aula. Por isso, torna-se necessário incluir uma abordagem mais crítica e analítica, como também mais interativa, incentivando-os a questionar, debater e compreender as diferentes perspectivas históricas. Diante disso, é notório que as aulas tradicionais constantes também contribuem com o baixo interesse e curiosidade em estudar e aprender História. Além disso, pode comprometer a compreensão dos conteúdos e a interação entre os alunos e o professor (a).

A ausência de interesse do aluno pelos conteúdos de História sugere uma relação com a falta da percepção de utilidade imediata na sua vida, ou seja, estudam a disciplina pela obrigatoriedade da nota para conclusão do ano letivo, no entanto, essa posição dos estudantes não é mera resignação, mas uma conformação política e social de como o processo educativo se dá em uma sociedade capitalista e do desempenho. Desse modo, a utilização de metodologias ativas que ajudem a atrair a curiosidade dos alunos, como a inclusão de mapas mentais, seriam essenciais nesse processo de ensino. Afinal, as metodologias ativas podem auxiliar na construção de uma aprendizagem significativa para os alunos da Educação Básica e devem ser incluídas no planejamento escolar dos professores (as), mestres e doutores (as) da área de Educação.

Assim, este trabalho consiste na problematização do ensino-aprendizagem e o impacto do uso de metodologias ativas na Educação Básica, especificamente, no ensino de História, em prol de evidenciar a importância de ferramentas pedagógicas para o aprendizado histórico de modo significativo. Tem ainda o intuito de contribuir com o aprendizado e atrair o interesse do estudante para os conteúdos da disciplina, agregando um ou mais métodos para este objetivo pedagógico para desmistificar a noção de aulas tradicionais como principal metodologia de ensino. De acordo com, Berbel (2011), as metodologias ativas são os processos de ensino e aprendizagem que são considerados inovadores, pois baseiam-se em novas formas de desenvolver o processo de aprendizagem, utilizando experiências reais ou

simuladas, objetivando criar condições de solucionar, em diferentes contextos, os desafios advindos das atividades essenciais da prática social.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo geral analisar as contribuições das Metodologias Ativas no Ensino de História no Ensino Fundamental II. Diante disso, tem o intuito de analisar ainda a importância do Ensino de História e a aprendizagem significativa, abordar as Metodologias Ativas no Contexto Educacional e seu potencial de engajamento estudantil e relacionar o Ensino de História com o impacto do uso dos mapas mentais como prática pedagógica.

Por isso, o estudo feito neste trabalho é parte das experiências vivenciadas e das observações feitas como docente da Educação Básica no ano letivo de 2023. Nesse contexto, a justificativa para explorar a relação entre o Ensino de História e as Metodologias Ativas reside na necessidade de melhorar a qualidade do aprendizado dos alunos e tornar o estudo da História mais relevante e significativo para os alunos. Até porque, há indicativos de que o aluno perdeu o hábito de ler e escrever e, conseqüentemente, não se interessa em conhecer e ler os episódios históricos de outros tempos que “nada” influenciam na sua vida diária, segundo sua opinião. E através da escola e dos professores (as), os alunos precisam começar a compreender que a História também é essencial para entender os acontecimentos atuais e que é necessário estudá-la.

Além disso, espera-se que o estudo seja construído de maneira efetiva para a construção de uma formação crítica e autônoma dos alunos e para auxiliar os professores (as) de modo que contextualize a relação entre História e Metodologias Ativas e desmistifique a ideia de aulas tradicionais. Diante disso, este trabalho surge da seguinte questão: Como as Metodologias Ativas podem ser efetivas no Ensino de História? De maneira que, é fundamental que o professor (a) transforme seus métodos de abordagem de conteúdos e a implementação de metodologias ativas pode suprir essa lacuna, caracterizando um ensino mais dinâmico e atrativo para os alunos. Por isso que este trabalho visa analisar que o uso das metodologias ativas na disciplina de História pode e, deve ser transformador para o ensino-aprendizagem dos alunos da Educação Básica.

Em relação à fundamentação teórica, autores como Valente, Almeida e Geraldini (2017), Ausubel (2000), Pelizzari, Kriegl, Baron, Finck e Dorocinski (2002) e Lessa e Santos (2023) são estudiosos que fazem parte do campo teórico deste estudo, além de autores que discutem temas históricos como Souza (2020) e Freire (1996) que aborda uma discussão crítica, reflexiva e epistêmica de como pode se dá uma educação libertadora. Do ponto de vista metodológico, este trabalho se apoia em um trabalho de cunho bibliográfico e observações diretamente vividas em contextos escolares. Do ponto de vista bibliográfico foi feito um levantamento de textos buscando autores que abordam a temática. Em seguida, foram selecionados estudos que estabeleceram um diálogo com a temática aqui proposta. Após a leitura e fichamento do material, procedeu-se a escrita deste texto que está organizado da seguinte forma: O Ensino de História significativo, Metodologia, Relato de experiência, Resultados e discussões e considerações finais.

Referencial teórico: O Ensino de História Significativo

José Clécio Silva de Souza (2020) afirma que uma das maiores complicações que os professores de História enfrentam é estimular o interesse do aluno por conteúdos que não parecem ser úteis para o aluno. Na maioria das vezes, o aluno estuda por estudar, para ser aprovado no fim do ano letivo, fica desestimulado, sem criatividade. Com isso, Souza (2020), menciona que para o aluno desenvolver seus conhecimentos e capacidades que lhe darão maior liberdade de escolha e satisfação em sua vida, é necessário que o educador use a imaginação e evidencie a aplicabilidade do conteúdo de forma imediata e simples no ambiente em sala de aula, utilizando para isso materiais e métodos que despertem o interesse dos alunos em aprender:

Destaca-se como um dos desafios à educação o repensar sobre novas propostas educativas que superem a instrução ditada pelo livro didático, centrada no dizer do professor e na passividade do aluno. É importante considerar as práticas sociais inerentes à cultura digital, marcadas pela participação, criação, invenção, abertura dos limites espaciais e temporais da sala de aula. [...] reconsiderar o currículo e as metodologias que colocam o aluno no centro do processo educativo e focam a aprendizagem ativa (Valente, Almeida, Geraldini, 2017, p. 458-459).

Na realidade, os alunos estão cada vez mais distantes de disciplinas que visam agregar conhecimento e pensamento crítico, em razão dos avanços tecnológicos e a grande influência da internet nos estudos diários. Por isso, sobre as

dificuldades de inserir propostas de ensino e tornar o aluno o agente do seu próprio conhecimento, Ausubel (2000) menciona que a aprendizagem por recepção significativa envolve, principalmente, a aquisição de novos significados a partir de material de aprendizagem apresentado e exige um mecanismo de aprendizagem significativa e a apresentação de material potencialmente significativo para o aprendiz.

Diante disso, Souza (2020) ainda reitera que o professor deve construir uma prática pedagógica significativa para o aluno. Sugere que devemos reconsiderar o papel da educação como ferramenta da construção social. Por isso, torna-se necessário definir metodologias de aprendizagem vinculadas à dimensão sociopolítica da educação, questionando sempre a respeito de que sociedade está se ajudando a construir. Nesse caso, quando se trata dos educadores em História, ambos podem definir o referencial sociopolítico historicamente correto, de acordo com o momento que ele atravessa. Partindo daí, a proposição se torna diferente das outras, pois as práticas do dia a dia de professores e alunos os ajudam a construir coletivamente, inserindo-os no contexto sociocultural.

Além disso, Souza (2020) ressalta que o Ensino de História não deve se referir apenas ao “giz e lousa”, termo que ilustra o ensino tradicional. Mas, enfatiza que é necessário buscar no referencial teórico as bases científicas que orientam a ciência que se quer ministrar e que norteiam sua aplicação como disciplina escolar nos diferentes níveis de ensino e utilizar outros métodos de ensino para além do livro didático:

Nosso aluno é fruto da sociedade midiática, convive com a informação rápida da Internet e o bombardeio de imagens oriundos da TV. Não se trata de “aposentar” o livro ou a exposição oral, mas, sim, de atualizar os instrumentos e a linguagem para que se possa, de fato, estabelecer um vínculo de comunicação com os educandos. (Souza, 2020, p. 01).

É importante que o professor/a intercale dentro do seu contexto escolar a utilização de meios tecnológicos, afinal, é a realidade social em que os estudantes estão inseridos atualmente, por conta do constante uso de notebooks e celulares no seu cotidiano. Essa conexão da tecnologia com a educação deve ser feita visando também na construção de estudantes protagonistas da sua aprendizagem. Neste contexto, Zaluski e Oliveira (2018) apontam que as metodologias ativas vêm como

uma concepção educacional que coloca os estudantes como principais agentes de seu aprendizado, através dela, percebe-se o estímulo à crítica e à reflexão, incentivadas pelo professor que conduz a aula. Por isso, o próprio aluno é o centro desse processo, pois através da aplicação de uma metodologia ativa é possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que a colaboração dos alunos como sujeitos ativos trazem fluidez e essência de tal possibilidade educativa em sala de aula.

Desse modo, Souza (2020) afirma que o professor deve utilizar o livro didático de forma crítica e geradora de reflexão, como instrumento de comparação e do questionamento do conteúdo, mas ressalta sobre a implementação de outras formas de ensinar. Sugere então, a utilização de imagens no Ensino de História, método que torna possível a busca do desvendamento dos diálogos que as obras de arte mantêm com as diferentes dimensões socioculturais do seu tempo possibilita-nos conhecer melhores contextos culturais complexos, escapamos das leituras lineares, dando força a estas vozes do passado que ressoam ainda no presente, permitindo aos alunos que se dispuserem a realizar esse exercício, esse diálogo, construir um novo enunciado, uma nova obra. Aborda ainda sobre a visita em museus, com o intuito de que os alunos tomem contato com preciosidades do nosso patrimônio histórico.

Souza (2020) ressalta ainda sobre a realização de trabalhos com mídia, principalmente, a televisão, que se apresenta como resultado do processo de globalização, o comportamento cada vez mais passivo do espectador, que impotente e estático, assimila as informações e definições da televisão como verdades definitivas. Neste caso, o professor que deseja trabalhar com a televisão, deverá estudar sobre os meios de comunicação de massa e, além disso, o professor terá ao seu alcance uma gama variada de material em teledramaturgia e telejornalismo. Mas, caso queira trabalhar com material das décadas de 60 e 70, encontrará problemas, por não existirem ainda museus da televisão, portanto, que o professor trabalhe com material mais recente. Souza (2020) ainda enfatiza sobre o uso da memória e ressalta sobre a reflexão existente entre a História e a Memória e o processo de construção. Neste aspecto, menciona sobre a luta de grupos para a preservação de suas memórias e a importância de Institutos de Preservação de

Patrimônios Históricos, como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1939 no Brasil. Dessa forma, nota-se que o estudo da memória é importante para que os alunos possam adquirir a consciência e necessidade de preservar lugares, ritos e momentos da História.

Por isso, segundo Proença (1999), o ensino significativo de História pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo não apenas pelo conteúdo formativo do saber histórico, mas também pela metodologia adotada. De maneira que práticas educativas apoiadas em metodologias implicativas que apelem à participação ativa do aluno como sujeito que aprende, tais como o ensino pela descoberta a partir da análise e crítica de fontes, o trabalho de projeto centrado em problemas, o estudo independente e outras práticas autorreguladoras de aprendizagem contribuem para o desenvolvimento do raciocínio crítico e da autonomia pessoal do aluno, que são componentes essenciais da educação cívica.

Assim, é importante ressaltar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária, que expande os limites da comunicação convencional, permitindo expressões mais criativas, simbólicas e contextuais. Percebe-se então, neste processo que, a aprendizagem significativa tem vantagens notáveis, tanto do ponto de vista do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como do ponto de vista da lembrança posterior e da utilização para experimentar novas aprendizagens, fatores que a delimitam como sendo a aprendizagem mais adequada para ser promovida entre os alunos, segundo Baron, Dorocinski, Pelizzari, Finck e Kriegl (2002).

E, além disso, o emprego dos conceitos: metodologias ativas e a aprendizagem ativa neste contexto abordado neste trabalho são essenciais, juntamente com a aprendizagem significativa, pois ambos estão interligados. Desse modo, de acordo com Valente, Almeida e Geraldini (2017), a maior parte da literatura brasileira trata as metodologias ativas como estratégias pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, contrastando com a abordagem pedagógica do ensino tradicional, centrada no professor, que transmite informação aos alunos. Porém, mencionam que a literatura também tem usado o termo “aprendizagem ativa” para caracterizar situações de aprendizagem

em que o aluno é ativo. No entanto, Valente, Almeida e Geraldini (2017) afirmam que as metodologias ativas são chamadas dessa forma, pelo fato de relacioná-las com a aplicação de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas, nas quais eles são protagonistas da sua aprendizagem.

Abordar os seguintes termos evidencia que é possível a utilização de metodologias ativas no Ensino de História e que há a necessidade do conhecimento dos professores (as) sobre abordagens de aprendizagem significativa na sala de aula, como a utilização de mapas mentais, no intuito de diversificar as aulas meramente expositivas para aulas dinâmicas, diversificadas e eficazes, possibilitando aumentar o engajamento estudantil, a participação, desenvolvimento cognitivo dos alunos e a emancipação do estudante no seu processo de aprendizagem. O Ensino de História não precisa ser um ensino monótono, mas um espaço de conhecimento que aborde temas dos mais sensíveis aos mais intrigantes, de modo simplificado e que auxilie no desenvolvimento de seres pensantes e críticos sobre o passado, presente e futuro. Por isso, no próximo tópico, apresenta-se o percurso metodológico e o relato da experiência do uso de mapas mentais no Ensino Fundamental II, no ensino de História.

Metodologia

A proposta da metodologia² foi traçar os caminhos a serem percorridos até os resultados para compreender o objeto da pesquisa e para entender o problema da pesquisa que é analisar e desmistificar o Ensino de História como uma componente curricular tradicional e afirmar a possibilidade da utilização das metodologias ativas como um instrumento pedagógico de ensino-aprendizagem efetivo e significativo para a História.

Este estudo contou com o levantamento de artigos sobre o tema, principalmente, sobre a inclusão de mapas mentais na sala de aula e partiu das experiências obtidas durante a trajetória educacional de 2023 com a turma do 6º ano, no turno matutino, no Ensino Fundamental II, de uma instituição escolar da rede

² Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

privada, da cidade de Guanambi-BA. Por isso, o tipo de pesquisa utilizada é pesquisa-ação, que de acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Desse modo, com o intuito de aprimorar estratégias de estudo e ensino na disciplina de História, houve a necessidade da inclusão de uma nova abordagem de ensino, que neste caso, foram os mapas mentais. É importante ressaltar que os mapas mentais auxiliam na organização de informações de maneira visual e hierárquica, neste caso, tornou-se uma ferramenta valiosa para compreender e ensinar eventos históricos dos mais simples aos mais complexos. Por isso, a pesquisa desenvolvida neste estudo parte de um caminho metodológico que não apenas auxilia na compreensão dos conteúdos, mas também desenvolvem habilidades de organização, visão geral e comunicação nos alunos, além da interação do aluno com o professor/a.

Este trabalho se deu em várias etapas que estão apresentadas neste quadro abaixo para melhor compreensão dos caminhos percorridos e das atividades realizadas.

ETAPAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	ATIVIDADES REALIZADAS
ETAPA 1	Contextualização da prática pedagógica
ETAPA 2	Aulas expositivas e dialogadas
ETAPA 3	Criação e desenvolvimento dos mapas mentais
ETAPA 4	Apresentação dos mapas mentais e a discussão guiada
ETAPA 5	Reflexão individual, relatos das experiências da atividade, entrega e avaliação dos mapas mentais pela professora.

Fonte: Informações fornecidas pela autora.

Os Mapas Mentais no Ensino Fundamental II em aulas de História: Um Relato de Experiência

Durante o período letivo de 2023, como professora de História no Ensino Fundamental II do 6º ano, especificamente no segundo trimestre, utilizei de diversos meios de inovação das aulas tradicionais de História. No entanto, tendo em vista a necessidade de diversificar a exposição dos conteúdos trabalhados e partindo da perspectiva que os alunos estavam se dispersando com frequência durante as aulas, planejei uma estratégia de mapas mentais como ferramenta pedagógica para promover uma abordagem mais envolvente, inovadora e eficaz no processo de ensino-aprendizagem com duração de seis aulas. Assim,

O mapa mental é basicamente uma ramificação de ideias a partir de um conceito central, que mostra de forma prática a organização de pensamentos, pois, possui o objetivo de esclarecer visualmente todos os fragmentos de informação que adquirimos de determinado assunto. A ferramenta permite que as ideias e conceitos sejam ilustradas, recebendo assim formas e contextos para melhor memorização (Nascimento, Silveira, Jesus e Simões, 2019, p. 405).

O objetivo principal era estimular a compreensão, a retenção de informações e o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Além disso, proporcionar aos alunos uma maneira mais visual, interativa de assimilar os conteúdos históricos e a organização das informações. De acordo com Lessa e Santos (2023):

Destacamos o potencial do uso pedagógico do mapa mental como metodologia ativa capaz de auxiliar o professor a guiar os aprendizes na adoção das estratégias necessárias para um bom aproveitamento da leitura. Essa prática, quando recorrente, contribui para provocar uma tomada de consciência, por parte do aprendiz e do professor, conscientizando-os de que a leitura é um processo interativo cognitivo-social entre texto-leitor e permeada pelo uso de estratégias de leitura (Lessa e Santos, 2023, p. 100).

Dentro do contexto e preparação da atividade, antes de introduzir os conteúdos que seriam utilizados nesta prática pedagógica, expliquei aos alunos a importância da leitura e da compreensão dos conteúdos, da linhagem temporal e das conexões entre eventos históricos. Até porque, como ressalta Lessa e Santos (2023), ao propor a criação de mapas mentais, o professor transforma a aula em um momento no qual o aluno possa interagir com as ideias do texto de forma situada, desenvolver a sua prática leitora e criar as suas próprias estratégias de compreensão, ou seja, auxilia na adoção de estratégias, contribui para o aumento da capacidade de inferência dos alunos, permitindo que eles possam integrar as ideias

do texto ao seu próprio conhecimento, questionando e incorporando suas experiências cotidianas à realidade ali representada.

Por isso, apresentei a ideia dos mapas mentais como uma técnica para visualizar essas relações de forma mais claras e específicas. Foi explicada a estrutura básica dos mapas mentais, destacando a centralidade de um conceito principal e a ramificação para subconceitos:

A construção de um mapa mental propicia ao professor o incentivo ao uso de estratégias de leitura de forma guiada, a partir de seu ensino explícito e alinhado às práticas efetivas de leitura de forma situada. Desse modo, além de aumentar a reflexão do leitor acerca de seu processo cognitivo de compreensão, garantimos a inclusão daqueles que não aprenderam a adotar estratégias de forma automática como outros colegas. (Lessa e Santos, 2023, p. 101).

Nota-se que o mapa mental é uma metodologia que possibilita ao professor acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno e, ao mesmo tempo, propicia o hábito da leitura. Segundo Freire (1996), respeitar a leitura do mundo do aprendiz é o ponto de partida para aguçar a compreensão e a curiosidade. Sobre este aspecto, é importante destacar os conhecimentos prévios dos alunos, como menciona Lessa e Santos (2023):

Todo estímulo pedagógico com o uso dessa ferramenta envolve levar a uma produção de conhecimento que seja autônoma e independente, respeitando o conhecimento prévio individual acerca do tema ou do texto a ser analisado. (Lessa e Santos, 2023, p. 101).

Nesse sentido, antes de iniciar a construção dos mapas mentais, houve aulas expositivas dialogadas sobre os conteúdos “O Império Romano” e “A chamada Antiguidade Clássica: clássica para quem?”. Os seguintes módulos fazem parte do currículo escolar da instituição e foram selecionados com o objetivo de aguçar a curiosidade e a aprendizagem dos alunos sobre as sociedades antigas, Grécia e Roma, além da possibilidade do professor (a) saber quais são os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre a temática abordada.

Desse modo, é importante ressaltar que, apesar de ser considerado um método ultrapassado, mas é tradicional, a aula expositiva dialogada foi inserida na prática pedagógica por ser bastante eficaz neste processo de interação, de maneira que permite o diálogo entre o professor (a) e os alunos. Assim, é uma estratégia que

se caracteriza pela exposição de conteúdos, no entanto, com a participação ativa dos estudantes, considerando o conhecimento prévio dos mesmos, sendo o professor (a) o mediador (a) para que os alunos questionem, interpretem e discutam o objeto de estudo, por este motivo, as aulas expositivas foram utilizadas. Ou seja, o profissional docente leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, superando o modelo tradicional de ensino onde somente o professor (a) fala para apresentar os conteúdos e o aluno apenas ouve, como ressalta Muller (2019).

Sendo considerada uma metodologia ativa, o mapa mental apesar de ser apenas um gênero textual, possui variedades, como mapa conceitual e mapa cognitivo. Porém, de acordo com Lessa e Santos (2023), ambos contribuem para a gestão cognitiva, utilizados na meta-aprendizagem. No entanto, é importante mencionar as diferenças entre eles:

Segundo Neves (2007), o mapa conceitual tem como objetivo principal indicar as relações entre conceitos na forma de proposição. Isso o tornaria muito importante para os estudos dos sistemas informativos, uma vez que ajuda na formação de uma hierarquia de conceitos na mente. Já o cognitivo seria a construção de esquemas mentais por meio de suas interações sociais, ajudando o aprendiz a compreender e dar sentido ao ambiente que o cerca. (Lessa e Santos, 2023, p. 102).

No entanto, diante o favorecimento dos mapas mentais e perante o modelo educacional, como uma forma de alteração do modelo tradicional expositivo, foi direcionado aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II, a construção das ramificações, adicionando eventos, personagens e consequências dos conteúdos discutidos anteriormente.

Nesse processo de desenvolvimento dos mapas mentais, seja ele conceitual ou cognitivo, é interessante ressaltar o papel do professor, afinal, são alunos que não haviam estudado tais conteúdos anteriormente e, justamente, por este motivo precisam ser encorajados a participarem ativamente, introduzindo conexões e discutindo as relações entre os elementos. Porém, segundo Lessa e Santos (2023):

No caso do mapa cognitivo, a intervenção do professor se dá no momento da organização dos conceitos e no incentivo à capacidade criativa do aluno para elaborar a atividade, seguindo o caminho que lhe pareça mais lógico. No que concerne à flexibilidade, ele também parece oferecer mais recursos aplicáveis, além de considerar a interação entre o conhecimento do aluno e

o aprendizado na escola como ponto central para encorajar uma leitura autônoma. (Lessa e Santos, 2023, p.103).

E foi, justamente, essa espécie de mapa mental que os alunos do 6º ano construíram na escola, que de acordo com Lessa e Santos (2023), por meio do mapa cognitivo, o aprendiz representa, de forma física, o seu próprio ambiente cerebral:

Quanto aos propósitos, essa esquematização cognitiva serve não só para a organização das ideias, como também para a fixação dos temas tratados, ou seja, o aluno automaticamente reorganiza o conceito aprendido de acordo com o esquema proposto. De fato, pode funcionar como uma atividade cognitiva apropriada, pois ao preencher esses mapas, o aluno executa a autorregulação do conhecimento que está sendo adquirido e do próprio conhecimento para que as conexões sejam coerentes. (Lessa e Santos, 2023, p. 104).

Na realidade, há traços recorrentes desse método desde o início do ano letivo, em virtude do hábito docente e a prática diária de relacionar os assuntos abordados em esquemas escritos na lousa. Essa prática de trazer esquemas como método de ensino-aprendizagem, constantemente, para assimilação dos conceitos dos trimestres possibilitou que os alunos se familiarizassem com esse tipo de atividade e desenvolvessem essa prática com mais facilidade, por isso, relacionei a inclusão dos mapas mentais nesse contexto educacional. Desse modo, foi notória a independência dos alunos diante da proposta de atividade e a repercussão que tivemos diante do conhecimento que adquiriram, além do mais, é importante mencionar que todos os alunos optaram por realizar os trabalhos à mão. De acordo com Lessa e Santos (2023):

[...] a produção dos esquemas à mão é capaz de fazer o cérebro liberar as expressões do pensamento natural com muito mais inspiração e produtividade. Criado na década de 1970, o modelo se encaixa na categoria de mapa cognitivo, conforme afirma em seu livro no qual ensina a fazer mapas mentais (BUZAN, 2019, p. 37) (Lessa e Santos, 2023, p.105).

Nesse aspecto, com a criação de mapas cognitivos feitos à mão, o esquema que está sendo desenvolvido, ativa um sistema que usa a ciência do cérebro que ajuda na ascensão do aprendizado, na criatividade, na memória, na compreensão dos conteúdos, independente da idade da criança. No entanto:

Além das questões pedagógicas levantadas, tanto o modelo conceitual quanto o cognitivo podem ser elaborados à mão ou por meio de aplicativos e sites que facilitam sua confecção, o que corrobora a aplicação de novas tecnologias para o ensino em metodologia ativa. Ferramentas como

MindMaster, LucidChart, Coggle, Canva, Mind Node, XMind, GoConqr e Mindomoso são gratuitas e podem ser utilizadas por meio do Windows MAC OS, Linux, Android ou IOS (Lessa e Santos, 2023, p. 105).

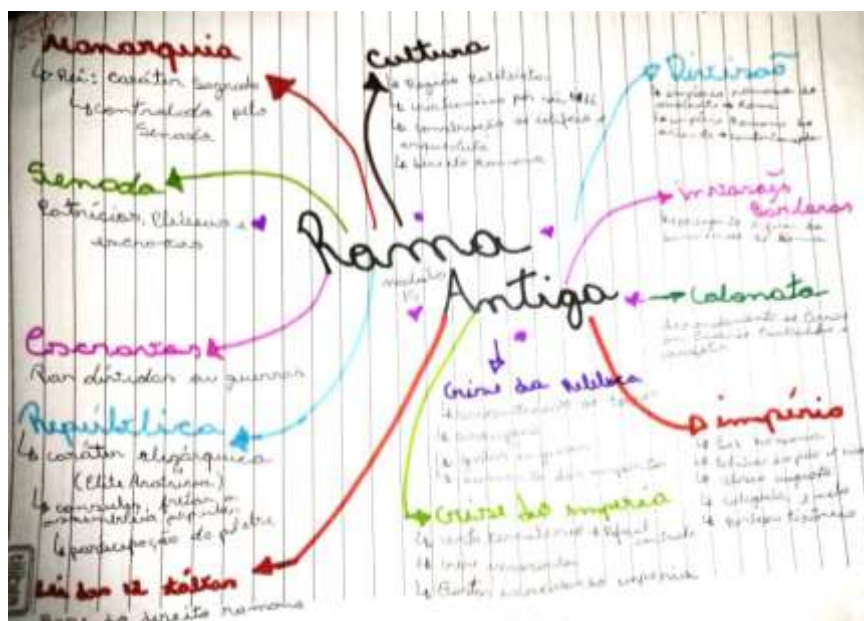
Nota-se que há a possibilidade de elaborar os esquemas através de aplicativos, como foi ressaltado aos alunos na sala de aula, porém, é importante mencionar que os alunos, apesar de terem o acesso aos computadores escolares e as diversas tecnologias que a instituição privada disponibiliza, houve a predominância da elaboração do mapa mental pelo modo tradicional, ou seja, precisaram articular e planejar como seriam feitos esses mapas, escrever os conceitos que seriam incluídos, escolher as cores para cada termo do mapa e à proporção que o esquema construído teria no papel. Como ilustra os exemplos abaixo de dois mapas mentais construídos por alunos deste estudo:

Figura 1 – Mapa Mental sobre o Império Romano



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da autora.

Figura 2 – Mapa Mental sobre a Roma Antiga



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da autora.

Essa prática manual tornou a atividade ainda mais proveitosa, do ponto de vista educacional, como também mais interativa e dinâmica. Além do mais, esse processo de desenvolvimento do mapa mental só foi efetivo por conta da leitura feita do módulo e da resolução de dúvidas através das aulas expositivas e dialogadas, além das atividades realizadas em sala de aula sobre os conteúdos abordados. Portanto, essa prática pedagógica pode ser considerada como atividade que promove a assimilação dos conteúdos a partir das metodologias ativas, mas também uma atividade de revisão dos conteúdos, com a tentativa de elevar o aprendizado dos alunos.

Resultados da utilização de mapas mentais na Educação Básica

A utilização de mapas mentais na Educação Básica, no Ensino Fundamental II, tem se mostrado uma ferramenta valiosa para promover a aprendizagem significativa e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, como também o senso crítico dos alunos. O relato de experiência feito anteriormente e da exposição dos detalhes, concluiu-se que essa abordagem pedagógica proporcionou diversos benefícios, tanto para os alunos quanto para os professores.

Primeiramente, notou-se o aumento do engajamento dos alunos. A utilização de mapas mentais despertou o interesse dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e participativas, com apresentações e discussões. Notou-se que os alunos estavam ansiosos para contribuir na criação dos mapas mentais e compartilhar suas ideias, mesmo demonstrando ter dificuldades na execução. No entanto, os alunos obtiveram uma notável melhoria na habilidade de organizar e expressar suas ideias de maneira criativa. Isso se deve ao fato, da liberdade oferecida pela professora na execução da atividade, mas também pelos mapas mentais, incentivarem a expressão individual, permitindo que cada estudante trouxesse sua perspectiva única para o processo de aprendizagem. Ao permitir que se expresse suas ideias de maneira gráfica e intuitiva, os mapas visualizam um espaço para a manifestação da originalidade e da visão única de cada estudante sobre os temas mentais envolvidos. Isso criou um ambiente mais inclusivo e motivador, promovendo o engajamento ativo dos alunos no processo de aprendizagem.

Com isso, a natureza visual dos mapas mentais auxiliou na retenção de informações, tornando mais fácil para os alunos registrarem detalhes e relações entre os diferentes elementos históricos dos dois conteúdos escolhidos. Nesse sentido, nota-se que os mapas mentais serviram como uma ferramenta de revisão eficaz e ajudaram na assimilação necessária de detalhes que poderiam ter ficado subtendidos durante as aulas expositivas e dialogadas. Desse modo, o processo de elaboração dos mapas mentais promoveu ainda o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, de maneira que a criação colaborativa dos mapas mentais estimulou não apenas a memorização dos fatos, mas na compreensão das relações causais e nas correlações entre eventos históricos, promovendo uma compreensão mais profunda do conteúdo. De modo que, ao representar visualmente as relações entre os conceitos, os alunos foram incentivados a identificar padrões, orientações e conexões, facilitando a compreensão e a releitura das informações:

Na proposta de produção dos mapas mentais, essas mudanças são evidenciadas quando o aprendiz precisa recuperar informações oriundas do texto de partida para iniciá-lo, movimento que transforma o aluno em protagonista da própria aprendizagem e responsável por suas escolhas (Lessa e Santos, 2023, p. 113).

Essa prática pedagógica contribuiu para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas³, promovendo uma abordagem mais reflexiva e consciente ao processo de aprendizagem. Segundo Lessa e Santos (2023), seu uso como estratégia para guiar os olhos do leitor, sistematizando o retorno ao texto, a fim de produzir os sentidos de forma coerente, responde ao desafio pedagógico de apoiar aprendizes que demonstram não ter consolidado essa competência e, com isso, acabam vítimas de um ciclo de repetência escolar. Por isso, defendemos o uso do mapa mental como uma metodologia ativa inclusiva, já que promove o desenvolvimento de estratégias metacognitivas de leitura e aprendizagem. Assim, no contexto do Ensino Fundamental II, onde os alunos estão em fase de desenvolvimento cognitivo, os mapas mentais também contribuem para a construção de uma aprendizagem mais significativa e rigorosa, de maneira que a abordagem visual e interativa dos mapas mentais atende a diferentes formas de aprendizagem, tornando as aulas mais acessíveis e envolventes para os estudantes, como a aula de História, que de certa forma, é proveniente de um espaço propício para a leitura e discussão e pode auxiliar no aparecimento de habilidades de leitura, desenho e interligação de elementos pelos alunos, como foi observado neste estudo.

Por este motivo, os resultados apontam que os mapas mentais são ferramentas úteis para revisar tópicos históricos antes de avaliações, como tarefas extras, pois proporcionam uma visão generalizada, mas condensada e organizada do conteúdo, além de possibilitar uma avaliação prévia da aprendizagem dos alunos. Na realidade, é importante mencionar que sempre haverá uma variação de aprendizagem entre os alunos, afinal, alguns alunos podem se beneficiar mais do uso de mapas mentais do que outro. Lessa e Santos (2023) ressalta que:

Tendo em vista a complexidade desse tipo de cognição, é fundamental que uma proposta pedagógica envolvendo o uso do mapa mental como metodologia ativa para aprendizagem de leitura respeite outro pressuposto teórico, o de que a aprendizagem (englobando a aprendizagem de/via leitura) é um processo sociocognitivamente situado (Lessa e Santos, 2023, p. 113).

³ De acordo com Jou, G. I. de ., & Sperb, T. M. (2006), a metacognição é a capacidade do ser humano de monitorar e auto-regular os processos cognitivos (Flavell, 1987; Nelson & Narens, 1996; Sternberg, 2000). A essência do processo metacognitivo parece estar no próprio conceito de self, ou seja, na capacidade do ser humano de ter consciência de seus atos e pensamentos.

Neste caso, os educadores precisam estar cientes das diferentes formas de aprendizagem dos alunos e caso perceba que o método não seja o ideal para a turma, deve incluir outras metodologias ativas, como a sala de aula invertida, estudo de caso, seminários, entre outros. Além disso, é interessante que o professor (a) contextualize o uso de mapas mentais dentro do currículo de História, ou de outra disciplina, e garanta que eles sejam usados para aprimorar a compreensão conceitual, não apenas como uma atividade isolada.

Considerações finais

A utilização de mapas mentais nas aulas de História no Ensino Fundamental II revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz e facilitadora do aprendizado. Além de tornar as aulas mais dinâmicas e participativas, os mapas mentais desenvolvidos auxiliaram significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico e a compreensão aprofundada dos temas históricos por parte dos alunos, como no desenvolvimento de técnicas de leitura e de habilidades de criar esquemas, desenhos e sistemas de cores para cada elemento. Nota-se, a partir dos resultados positivos e do interesse renovador pela disciplina, que essa abordagem pode ser uma adição valiosa ao currículo escolar e ao ensino de História.

A partir das experiências elencadas neste estudo, é importante ressaltar que os professores (as) desempenham um papel fundamental na implementação bem-sucedida dos mapas mentais. Ao integrar essa técnica de ensino de maneira consistente e adaptá-la às necessidades específicas da turma, os educadores podem potencializar os benefícios dos mapas mentais, promovendo um ambiente de aprendizagem estimulante e eficaz, além da possibilidade de incluir outras metodologias ativas nesse processo de ensino, afinal, é importante que o aluno conheça os recursos e as metodologias ativas disponíveis para o seu aprendizado e que são desenvolvidas e estudadas pelos docentes, além da aula tradicional que é utilizada nas escolas.

Por isso, é interessante que o professor (a) adapte seus planos de aulas e promova essa evolução no ensino-aprendizagem dos alunos, com o amparo das tecnologias ou não, até porque, caso o professor (a) escolha por sua utilização, tais recursos tecnológicos podem enriquecer as aulas e é também uma ferramenta

essencial nos dias atuais. No entanto, o não uso não afirma que haverá uma redução no rendimento escolar, como foi visto neste estudo.

Portanto, com base nesses resultados positivos, conclui-se que o uso de mapas mentais no Ensino Fundamental, é uma metodologia ativa eficiente e essencial, capaz de promover a compreensão profunda dos conteúdos, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e a motivação necessária para a construção de um ensino-aprendizado significativo dentro do Ensino de História.

Referências Bibliográficas

AUSUBEL, D.P. (2003). **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução do original The acquisition and retention of knowledge (2000).

BARON, Márcia Pirihi. DOROCINSKI, Solange Inês. FINCK, Nelcy Teresinha Lubi. KRIEGL, Maria de Lurdes. PELIZZARI, Adriana. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOU, G. I. DE ., & SPERB, T. M.. (2006). **A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem**. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 19(2), 177–185. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200003>

LESSA , A., & SANTOS, C. (2023). **O mapa mental como metodologia ativa no ensino de leitura**. *Scripta*, 27(59), 92-117. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2023v27n59p92-117>

MULLER, Fabiano Hector Lira et al.. **Aula expositiva dialogada e ensino por projetos como estratégias de ensino na disciplina educação ambiental**.. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59344> Acesso em: 04/12/2023.

NASCIMENTO, ANNE LIZ GOULART POEPL; SILVEIRA, RAFAELA; JESUS, RAFHAEL CRYSTOVÃO CAVALIN DE; SIMÕES, JULIANA BOLFE. **Mapas Mentais como Ferramenta de Ensino/Aprendizagem para Universitários com TDAH/TDA no Curso de Letras da FAE Centro Universitário**, Memorial TCC – Caderno da Graduação, Curitiba, 2019.

PROENÇA, M. C. **Ensino da História e formação para a cidadania**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SOUZA, José Clécio Silva de. **Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino**. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 37, 29 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/37/joseph-ensino-de-historia-uma-reflexao-sobre-materiais-e-metodos-de-ensino>

TRIPP, D.. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação E Pesquisa*, 31(3), 443–466. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.

ZALUSKI, FELIPE CAVALHEIRO; OLIVEIRA, TARCISIO DORN DE. **Metodologias Ativas: Uma Reflexão Teórica sobre o Processo de Ensino e Aprendizagem.** Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, Rio Grande do Sul, 2018.